

6

Considerações finais

Na verdade, nossa tradição crítica sempre reconheceu o modo consciente com que nossos escritores românticos se posicionaram frente ao modelo literário que herdavam; interpretada, porém, como frágil, ingênua e não-crítica, e comportada, anti-revolucionária e conservadora, tanto se atribuiu essa postura diferencial à resposta superficial da cor local – o naturalismo paisagista e o realismo naturalista urbano – quanto a um suposto sentimento de subserviência ou de inferioridade do escritor brasileiro em relação ao centro cultural europeu. (...)

Esse sentimento de inferioridade, porém, bem como a simplificação e superficialização do romance de Alencar – e é a própria produção literária e teórica do escritor que o explicita – devem, antes, ser atribuídos ao modo como temos sido capazes de nos aproximar de sua obra. (Boechat, M.; 2003, p. 151)

A relevância da questão desenvolvida por Maria Cecília Boechat consiste na relação que ela empreende entre as interpretações sobre Alencar e o modo como a tradição crítica e historiográfica tem compreendido o problema da história da literatura brasileira. Ao mesmo tempo em que carrega em si a força de um cânon possuidor de importância histórica central na formação de nosso sistema cultural, a recepção crítica de José de Alencar retoma constantemente o ponto de sua inferioridade literária e teórica. Deste modo, ressalta a autora, ler Alencar apresenta-se sempre como uma tarefa obrigatória do ponto de vista histórico, enfadonha no aspecto literário – entediante, aliás, como tudo que é obrigatório – e confirmadora de vários pressupostos sobre a literatura brasileira oitocentista, como a subserviência cultural e a falta de engajamento político, preceitos estes sintetizados pelo termo “idealismo ingênuo” dos românticos brasileiros. A conclusão de Boechat, tal como exposto no trecho acima, é que esta simplificação da literatura alencariana revela uma incapacidade dos estudiosos em se aproximar de sua obra; eu acrescentaria, uma dificuldade que se tem em lidar com as peculiaridades históricas do passado oitocentista brasileiro, ora visto como monumento intocável ora como origem dos males que perpassam o pobre pensamento crítico brasileiro. Um problema de uso do passado, visto como modelo a ser copiado ou completamente recusado.

Boechat busca superar esta tensão ao problematizar a formação do cânon José de Alencar como condição histórica de possibilidade, acompanhando o percurso do nome José de Alencar em consonância com aquilo que ele refletiu sobre si e com os diferentes problemas enfrentados pelas historiografias literárias

brasileiras ao longo do tempo. Assim ela se debruça nas histórias literárias brasileiras, desde Sílvia Romero (1880), passando por José Veríssimo (1916), Nelson Werneck Sodré (1938), Afrânio Coutinho (1955), Antonio Candido (1957) até chegar aos trabalhos mais atuais, como os de Luiz Costa Lima e Flora Süssekind. Para efetuar o deslocamento, ela sugere que se reconheça antes de tudo o quanto há de romântico na tradição literária que criou o romantismo brasileiro como “falso” (Boechat, M.; 2003, p. 15). Neste sentido, ela corrobora com o argumento de Abel Barros Baptista (2003), mencionado aqui no primeiro capítulo, de que o romantismo brasileiro fundou o problema da origem como princípio que perpassa a debate crítico brasileiro.

“Como e porque sou moderno” teve uma pretensão mais modesta do que a de empreender uma revisão da trajetória de José de Alencar no pensamento teórico e historiográfico brasileiro. O modo encontrado aqui para superar a simplificação a que se refere Boechat foi o estudo da produção crítica de Alencar elaborada por ele mesmo, em intenso diálogo com as contribuições intelectuais que o cercavam, tais como as de Gonçalves de Magalhães, Ferdinand Denis, Joaquim Nabuco e Machado de Assis. Sobre estes debates, concluo que o passado e a história constituíram uma contínua presença em suas formulações sobre seu próprio caráter moderno. Isso coloca o romancista com um pé na chamada cultura histórica oitocentista, e outro como produtor ativo de uma forma bastante peculiar de lidar com o passado.

Se compreendermos o século XX como futuro projetado daquele presente vivido por Alencar, podemos ler na interpretação de Afrânio Coutinho (1995) sobre os escritos teóricos do literato, a vitória do monumento histórico criado pelo próprio escritor:

O trabalho serve perfeitamente de modelo aos mais jovens que desejam iniciar-se nas letras. Encerra ainda um autêntico roteiro de Teoria Literária, o qual, reunido a outros ensaios de sua lavra, pode bem constituir um corpo de doutrina estético-literária, que o norteou em sua obra de criação propriamente dita, sobretudo no romance. (Coutinho, A.; 1995, p. 5)

Cabe acrescentar que, no mesmo texto, Coutinho arremata sobre o romancista: “É coerente e lúcido, antecipando-se ao futuro, que lhe daria razão.”(Idem, p. 11)

A tentativa de fuga desta interpretação nacionalista produziu trabalhos como os de Roberto Schwartz, que deram conta de uma outra ponta do problema,

enfatizando a mera imitação das idéias européias em terras tupiniquins. A passagem citada abaixo pode ser considerada um bom exemplo do que se constituiu como síndrome de inferioridade das letras brasileiras:

A ficção realista de Alencar é inconsistente em seu centro; mas a sua inconsistência reitera em forma depurada e bem desenvolvida a dificuldade essencial de nossa vida ideológica, de que é o efeito e a repetição. Longe de ocasional, é uma inconsistência substancial. Ora, repetir ideologias, mesmo que de maneira concisa e viva, do ponto de vista da Teoria é repetir ideologias e nada mais. (Schwartz, R.; 2000, p. 68)

Evitando os extremos e os anacronismos, “Como e porque sou moderno” buscou interrogar, com o manancial oferecido pelos estudos históricos, sobre o lugar ocupado pelo passado no pensamento de alguém que tanto se ocupou em preparar seu futuro. Pode-se concluir, assim, a respeito das idéias sobre a cultura brasileira produzidas nos oitocentos, que há mais nuances a serem exploradas, para além da ratificação da questão nacional e a exaltação de seus heróis ou, em outro pólo, da confirmação da pobreza e mera reprodução literária dos primeiros homens de letras do Brasil.